



EDITORA



UnB

LITERATURAS DE RESISTÊNCIA E TRADUÇÃO

Norma Diana Hamilton





Universidade de Brasília

Reitora : Márcia Abrahão Moura
Vice-Reitor : Enrique Huelva

EDITORA

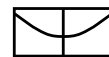


UnB

Diretora : Germana Henriques Pereira

Conselho editorial : Germana Henriques Pereira (Presidente)
: Ana Flávia Magalhães Pinto
: Andrey Rosenthal Schlee
: César Lignelli
: Fernando César Lima Leite
: Gabriela Neves Delgado
: Guilherme Sales Soares de Azevedo Melo
: Liliane de Almeida Maia
: Mônica Celeida Rabelo Nogueira
: Roberto Brandão Cavalcanti
: Sely Maria de Souza Costa

EDITORA



UnB

Literaturas de resistência e tradução

Norma Diana Hamilton



| | |
|-----------------------------------------|----------------------------------------------------------------------------|
| | Equipe do projeto de extensão – Oficina de edição de obras digitais |
| Coordenação geral | Thiago Affonso Silva de Almeida |
| Consultora de produção editorial | Marília Carolina de Moraes Florindo |
| Coordenação de revisão | Denise Pimenta de Oliveira |
| Coordenação de design | Cláudia Barbosa Dias |
| Revisão | Julia Neves |
| Diagramação | Beatriz Parente Barreto de Abreu |
| Foto de capa | Arte sobre foto de Norma Diana Hamilton |

© 2023 Editora Universidade de Brasília

Direitos exclusivos para esta edição:
 Editora Universidade de Brasília
 Centro de Vivência, Bloco A - 2ª etapa, 1º andar
 Campus Darcy Ribeiro, Asa Norte, Brasília/DF
 CEP: 70910-900
 Site: www.editora.unb.br
 E-mail: contatoeditora@unb.br

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta publicação poderá ser armazenada ou reproduzida por qualquer meio sem a autorização por escrito da Editora.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
 (Biblioteca Central da Universidade de Brasília – BCE/UnB)

L776 Literaturas de resistência e tradução [recurso eletrônico] / [organizadora] Norma Diana Hamilton. – Brasília : Editora Universidade de Brasília, 2024.
 203 p. – (Série Ensino de Graduação).

Formato PDF.
 ISBN 978-65-5846-058-9.

1. Literatura. 2. Tradução e interpretação. 3. Interseccionalidade (Sociologia). 4. Poesia. I. Hamilton, Norma Diana (org.). II. Série.

CDU 81'255.4

Dedicamos este livro à professora Cintia Schwantes, que tem um lugar especial em nossos corações. Intelectual esforçada, ela contribuiu com um capítulo nesta coletânea, lendo e revisando o texto até os últimos dias conosco. Mãe carinhosa e professora com um ótimo senso de humor, criticava de forma espontânea as coisas que não funcionavam. "Knock yourself out!" era uma de suas expressões mais comuns quando permitia que suas/seus estudantes realizassem algo desejado. Com um sorriso sempre no rosto, acalmava-nos quando as coisas se complicavam. Nós, professoras/es, colegas e estudantes, sentimos muito sua falta. Que ela fique com Deus, enquanto nós ficamos com os ensinamentos e as boas lembranças dela.

Sumário

Apresentação 9

Reexistência nos romances de escritoras afro-brasileiras contemporâneas 15

Adélia Mathias

A resignificação como resistência em *Deus ajude essa criança*, de Toni Morrison 29

Norma Diana Hamilton

A resistência do drama de Suzan-Lori Parks 45

Annemeire Araújo de Lima

Tradição e inovação em *Os ratos*, de Dyonélio Machado 59

Franciele Barboza Neves e Danglei de Castro Pereira

Os limites das poéticas da forma 77

Cíntia Schwantes

A palavra poética como necessidade na nova geração da poesia angolana 85

Kaio Carmona

No reino de gaza: *Gungunhana*, romance histórico moçambicano de Ungulani Ba Ka Khosa 95

Edvaldo A. Bergamo

O diálogo histórico e político em *Bent*, de Martin Sherman 111

Lajosy Silva

A dupla responsabilidade autor-tradutor em *Amada*, de Toni Morrison 127

Alexandre Marcelino Viana de Siqueira e Norma Diana Hamilton

A representação da violência colonial em *The house of hunger*, de Dambudzo Marechera e uma proposta de tradução 147

Talita Alves Oliveira e Norma Diana Hamilton

A Jamaica no palco: sugestões para a tradução de *At what a price*, de Una Marson 163

Ian Alexander

Pedagogopoesia como resistência em *Sociedade é construção*, de Luciene Nascimento: uma proposta de tradução para inglês 179

Norma Diana Hamilton

Últimas palavras ao(à) leitor(a) 197

Sobre as(os) autoras(es) 199

Pedagopoesia como resistência em *Sociedade é construção*, de Luciene Nascimento: uma proposta de tradução para inglês

Norma Diana Hamilton

Considerações iniciais

A poesia produzida por escritoras negras traz, historicamente, a temática de resistência, em que as vozes líricas criticam de forma contundente a opressão social. Podemos encontrar entre essas poetisas contemporâneas as africanas Paulina Chiziane e Abena Busia, as afro-caribenhas Louise Bennett-Coverley e Opal Palmer Odisa, as afro-estadunidenses Gwendolyn Brooks e Maya Angelou, assim como as afro-brasileiras Conceição Evaristo e Cristiane Sobral, apenas para citar alguns nomes.

Neste capítulo, faço uma leitura crítica do poema “Sociedade é construção (e o racismo é o cimento)”, da nova poeta afro-brasileira, Luciene Nascimento, que tem chamado a atenção do público. Apresento uma tradução do poema em língua inglesa e discuto as estratégias de tradução utilizadas.

Advogada e ativista pela igualdade racial, Luciene Nascimento utiliza sua escrita para desenvolver o que ela chama de *pedagopoesia*: a formação de jovens e adultas(os) negras(os) por meio de sua escrita e de diferentes ações, que envolvem palestras públicas. É vencedora dos prêmios Dandara e Zumbi dos Palmares por suas comunicações de resistência contra a opressão racial no Brasil.

Pedagogopoesia é um termo cunhado por Nascimento para referir-se “não [...] somente [à] poesia, mas [também a] uma coisa mais pretenciosa” (Nascimento, 2021, p. 90). Em minha compreensão, significa utilizar a poesia como prática informativa e educativa para contribuir com a formação de perspectivas antirracistas. Essa prática pode envolver a expressão de experiências que pode servir para instruir, guiar ou apenas fazer uma denúncia. Isso nos remete ao conceito de *escrevivência*, de Conceição Evaristo (2020), que aponta para a relevância da escrita das vivências das mulheres negras como forma de denúncia e resistência.

O livro de Nascimento *Tudo nela é de se amar* (2021), em que aparece o poema selecionado para análise e tradução neste capítulo, é dividido em duas partes intituladas “De Dentro” e “Para Fora”, fazendo um percurso a partir das questões introjetadas pela persona poética, para questões externas, também ligadas à voz lírica. Na primeira parte, identifico nos poemas um processo de ressignificação do Eu e, portanto, a (re)construção da identidade negra, por meio de reflexões sobre a história, as experiências, o ser e os aspectos físicos dessa voz. Abordando temas como o amor-próprio, saúde mental, beleza negra, resistência, origem e escrita, os poemas nessa parte constroem um pensamento do que é ser uma mulher negra resiliente.

Em contrapartida, na segunda parte do livro, “Para Fora”, percebo a dimensão de pedagogopoesia, em que os poemas, com tons instrutivos, ou educativos, trazem potencial de formação, retomando temas de estética negra, cuidados como o corpo físico negro – a pele, o cabelo –, e cuidados com a saúde mental das pessoas negras. De forma instrutiva, a persona poética afirma a importância de

estar minimamente organizado
ao conduzir com lucidez toda essa dor que a gente sente
Recomendo se benzer para enfrentar [...] (Nascimento, 2021, p. 107)

Em outros poemas, ainda na segunda parte do livro, há manifestações culturais afro-brasileiras que trazem as temáticas de memória e resistência, como o jongo. Apresentam também uma denúncia do racismo estrutural no Brasil, com reflexões sobre o papel do capitalismo. Por fim, o tema da escrita é retomado como recurso de resistência, conforme afirma a voz lírica:

[...] torno este território da arte
um território de luto (Nascimento, 2021, p. 92).

Neste capítulo, o tema é do poema *Sociedade é construção (e o racismo é o cimento)* (doravante, “Sociedade é construção”), encontrado na segunda parte do livro. Esse poema contempla o racismo institucionalizado e estrutural, um assunto que não é prontamente compreensível e que ainda é elusivo ao senso comum. O filósofo afro-brasileiro Silvio Almeida

(2019) nos mostra que esse tipo de racismo remete ao domínio de um grupo sobre outro por meio do controle (in)direto do aparato institucional, que mantém o sistema de opressão.

Percebo que a maioria das pessoas entendem a relação entre racismo e subjetividade, ou seja, compreendem o racismo enquanto elemento na relação entre indivíduos. Já o vínculo entre racismo e Estado não é tão claro. A mídia, por exemplo, tende a mostrar denúncias de atitudes racistas de uma pessoa contra outra, mas ainda é tímida em visibilizar a maneira pela qual as instituições públicas negligenciam a população negra.

Nesse sentido, em uma perspectiva pedagogopéutica, o poema *Sociedade é construção* aborda essa complexa relação, como discuto adiante. A tradução do poema para a língua inglesa é relevante, porque pode contribuir para a visibilidade da autora e da obra no campo literário de língua inglesa. Desse modo, pode agregar também aos debates sobre combate ao racismo numa esfera internacional.

O racismo e o Estado, o racismo e a economia: a pedagogopoesia como resistência

O poema *Sociedade é construção* traz trechos que, em minha leitura, fazem alusão à atuação histórica do Estado brasileiro em promover o racismo. Vejamos o seguinte trecho:

Sociedade é construção e o racismo é o cimento
componente estrutural
formador fundamental
do interior e do acabamento. Nessa fala eu acrescento:
nossa estrutura social foi forjada no sofrimento
houve esforço intencional atuante, fraudulento,
apoio internacional à tese do branqueamento
descolorindo e repintando tinta de sangue e caneta
se não branqueou os corpos
alvejou as almas pretas [...] (Nascimento, 2021, p. 86, grifos nossos)

O trecho sinaliza uma relação entre racismo, Estado e economia, mostrando a opressão racial como pilar na construção da sociedade brasileira. Percebo que a expressão “componente estrutural” diz respeito às ações sistemáticas do governo como tentativa de aniquilar a população afro-brasileira. Vale salientar que, com a abolição da escravatura, em 13 de maio de 1888, branquear a população brasileira se tornou um objetivo governamental.

Conforme mostra a pesquisadora e escritora afro-brasileira Margareth dos Anjos Santos (2022), o governo desenvolveu três bases para alcançar a meta de “europeizar” o povo brasileiro: “o estímulo à imigração europeia; o incentivo à miscigenação e o abandono da população negra ora escravizada” (p. 17). Ela explica que os fundamentos deste plano foram apresentados em congressos por representantes do Brasil, como João Baptista de Lacerda, diretor do Museu Nacional no início do século XX.

Santos (2022) afirma que Lacerda expôs, no I Congresso Internacional das Raças, ocorrido em 1911 em Londres, planejamento de branqueamento da população brasileira com base em seu trabalho intitulado “*Sur le métis au Brésil*” (Sobre os mestiços do Brasil). A pesquisadora afirma que Lacerda “defendia que até 2012 a população brasileira seria composta por 80% de brancos, 17% de indígenas e 3% de mestiços, enquanto a raça negra teria desaparecido” (Santos, 2022, p. 18).

Houve, na história brasileira, a promulgação de várias leis para barrar o crescimento socioeconômico da população negra. A Lei de Terras, de 1850, impedia que a população negra pudesse adquirir terras. A primeira lei sobre educação no Rio de Janeiro, de 1837, impedia as crianças negras de entrarem nas chamadas “escolas de primeiras letras”. Já o Código Penal de 1890, Capítulo XIII (Dos Vadios e Capoeiras), estimulava o encarceramento em massa de jovens negros. Apresento um trecho dessa lei, com a ortografia vigente à época:

Art. 399. Deixar de exercitar profissão, officio, ou qualquer mister em que ganhe a vida, *não possuindo meios de subsistencia e domicilio certo em que habite*; [...]

Pena – de prisão cellual por quinze a trinta dias. [...]

Art. 400. Si o termo for quebrado, o que importará reincidencia, o infractor será recolhido, por um a tres annos, a colonias penaes que se fundarem em ilhas maritimas, ou nas fronteiras do territorio nacional, podendo para esse fim ser aproveitados os presidios militares existentes.

Art. 401. A pena imposta aos infractores, a que se referem os artigos precedentes, ficará extincta, si o condemnado provar superveniente aquisição de renda bastante para sua subsistencia; e suspensa, *si apresentar fiador idoneo que por elle se obrigue*. [...]

Art. 402. Fazer nas ruas e praças publicas exercicios de agilidade e destreza corporal conhecidos pela denominação capoeiragem; [...] Pena – de prisão cellual por dous a seis mezes. [...]

Art. 403. No caso de reincidencia, será applicada *ao capoeira*, no *gráo maximo*, a pena do art. 400. (Brasil, 1890, grifos nossos).

A leitura do trecho da lei mostra que, para a população negra, a opção mais óbvia para as(os) que não desejavam ser aprisionadas(os) era voltar a trabalhar para um antigo dono de escravizadas(os), que ratificaria sua inocência. Assim, uma vez que essa população não podia adquirir terras ou educação formal para desenvolver sua vida de forma independente, tornava-se refém do homem branco.

Enquanto isso, havia o Decreto nº 528, referente à mesma lei de 1890, que incentivava a imigração de europeus para o Brasil. A grande maioria dos grupos que para cá vieram era composta por pessoas pobres, perseguidas e em condições de vida precária. Ou seja, na lógica da imigração brasileira, o que importou à época foi o fenótipo branco desse povo que chegava. Apresento alguns dos artigos desse decreto para que fique claro o tratamento diferenciado recebido em comparação à população negra que já estava no país:

Art. 7º O Estado concederá ás companhias de transporte marítimo que o requererem a subvenção de 120 francos pela passagem de cada imigrante adulto que ellas trasportarem da Europa [...]

Art. 17. [...] Os imigrantes, [...], terão, quando solicitarem, além da necessaria passagem, o auxilio de 50\$ a 150\$, conforme o numero de pessoas da familia, para as despezas de viagem e installação. [...]

Art. 20. Todo o proprietario territorial, que desejar collocar imigrantes europeus em sua propriedade, tem direito aos favores constantes deste decreto, desde que sejam preenchidas as condições aqui estipuladas.

Art. 21. As propriedades destinadas á localisação de imigrantes deverão ser inscriptas no registro a que se refere o decreto n. 451 B de 31 de maio proximo findo, e não poderão ter área inferior a 500 hectares estando incultas, ou 300 hectares, si estiverem cultivadas (Brasil, 1890, grifos nossos).

Nos artigos acima, é evidente que as ações do governo foram de “apoio internacional”, expressão que aparece no poema de Nascimento, numa tentativa de substituir a população afro-brasileira por uma europeia. Os benefícios concedidos aos imigrantes europeus incentivados a se estabelecer no Brasil incluíam as passagens da Europa para o Brasil, auxílio financeiro durante os seis primeiros meses no território, assim como hectares de terra cultivável. Essas benesses do governo, para que pudessem começar uma vida digna no Brasil, não foram oferecidos para a população negra “libertada” da escravização.

Vale mencionar também a chamada Lei do Boi, Lei nº 5.465 de 1968, a primeira lei de cotas no Brasil, vigente até 1985, que preconizou maior ingresso de filhos de fazendeiros – homens brancos, abastados ou não – nas universidades públicas:

Art 1º Os estabelecimentos de ensino médio agrícola e as escolas superiores de Agricultura e Veterinária, mantidos pela União, reservarão, anualmente, de preferência, de 50% (cinquenta por cento) de suas vagas a candidatos agricultores ou filhos destes, proprietários ou não de terras, que residam com suas famílias na zona rural e 30% (trinta por cento) a agricultores ou filhos destes, proprietários ou não de terras, que residam em cidades ou vilas que não possuam estabelecimentos de ensino médio.

Pode haver quem pense que essas normas já são esquecidas no tempo e que não dizem respeito à realidade das relações socioeconômicas e políticas entre pessoas negras e brancas nos dias de hoje. Contudo, é óbvio que essas leis contribuíram para naturalizar as relações de poder na sociedade brasileira, e que ainda há no imaginário social uma ideia de que a população negra existe para servir ao branco, assim como a ideia automática de que o trabalho das pessoas negras seria gratuito. Além disso, aceita-se como natural que o trabalho braçal seja desenvolvido na maioria por pessoas negras, e que os cargos de liderança sejam ocupados por brancos.

As instituições brasileiras são geridas por pessoas brancas, na maioria, que atuam a partir desse imaginário social, que envolve a visão automática do negro como pouco qualificado, pouco confiável, até criminoso. Um caso emblemático disso é a citação de raça

de um réu negro em sentença de condenação proferida no Paraná, por uma juíza branca, Inês Marchalek Zarpelon, que assim se manifestou nos autos:

seguramente integrante do grupo criminoso, *em razão da sua raça*, agia de forma extremamente discreta os delitos e o seu comportamento, juntamente com os demais, causavam o desassossego e a desesperança da população, pelo que deve ser valorada negativamente (TJSP, 2020, grifos nossos).

Trata-se de exemplo de como as noções injustas promovidas pelo determinismo biológico (Oyewùmí, 2021) e reproduzidas pelas práticas públicas ainda se mantêm hoje, produzindo e fomentando a opressão racial. Para Nascimento, todo esse sistema preconceituoso que tem por base a ignorância tem que ser desfeito:

Tem que haver desconstrução porque tentar sugar cimento sem romper a estrutura é como pôr atadura em anos de adoecimento *conserto é planejamento, consciência e postura, análise de conjuntura vontade e conhecimento*. (Nascimento, 2021, p. 89)

O trecho sinaliza que, para desconstruir o racismo, é necessário planejamento integral. Assim como houve ações concebidas estruturalmente com o objetivo de excluir a população negra, conforme debruçado, é preciso planejamento e atuação estruturais que possam acabar com o racismo nas instituições e no imaginário social brasileiro. Conforme a voz lírica, “conserto é planejamento”. Ou seja, o racismo estrutural não vai se resolver de modo inerente; e as ações de prazo curto e intermitentes não são suficientes para derrubar os pilares do racismo nos quais o Brasil foi alicerçado.

O uso das palavras “consciência e postura” pela persona poética me remetem ao conceito de “branquitude crítica” (Cardoso, 2010), que se refere a uma atitude crítico-reflexiva de pessoas brancas sobre seu lugar de privilégio na sociedade: é entender que todas(os) – independente de sua “raça” – deveriam ter igual acesso aos bens da sociedade e reconhecer que, por terem sido privilegiadas, as pessoas brancas têm a responsabilidade de contribuir para a igualdade racial. A branquitude crítica “admite seu preconceito racial [...] e desaprova o racismo [...]” (Cardoso, 2010, p. 611).

Por fim, o trecho “análise de conjuntura/vontade e conhecimento” supracitado tem para mim ecos do pensamento da filósofa afro-brasileira Djamila Ribeiro (2019) que podem servir como orientação para quem quer transformar os espaços racistas: questionar por que há tão poucas pessoas negras (pouca representatividade) no seu local de trabalho; questionar se os bens culturais (filmes, músicas, livros) que consome reforçam os estereótipos negativos associados a pessoas negras; questionar por que não se lê (mais) autoras(es) negras(os); questionar os privilégios da branquitude; questionar a violência racial; questionar o racismo que traz internalizado em si mesma(o).

A materialidade do poema e proposta de tradução

Minha intenção ao traduzir o poema de Nascimento para a língua inglesa é contribuir para a visibilidade da temática, racismo estrutural, em um cenário mais amplo, uma vez que o inglês é língua franca. Desse modo, na minha *recriação* o poema, termo utilizado pelo crítico literário e poeta Haroldo de Campos, privilegio o aspecto semântico, mas sem deixar de buscar uma tradução cuidadosa e criativa dos aspectos formais, pois esses contribuem para a construção dos sentidos. O pesquisador brasileiro Paulo Britto também usa o termo *recriação*, afirmando que “a poesia não pode (ou não deve) ser propriamente traduzida, mas sim recriada, ou imitada, ou parafraseada, ou transpoetizada [...]” (2016, p. 110, grifo nosso).

A seguir, o quadro mostra a transcrição do poema na sua íntegra e a versão feita por mim. Os grifos no poema, assim como os números presentes no final de cada verso, representam a contagem silábica, que explico nas análises adiante. Por fim, sinalizo a numeração dos versos em cada dez linhas (v.1, v. 10, v. 20, e assim por diante) para facilitar a leitura do poema.

Quadro 1 – Tradução proposta

| Sociedade é Construção (E o racismo é o cimento) | Society is a Construct And racism is its cement |
|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <p>Nunca esqueci Soninha Freitas palestrando (17) (v.1) em bê-a-bá pra tentar explicar a (9) complexidade do problema do racismo (7) no Brasil. Ela dizia algo como: (9) Bom exemplo é a construção (7) pense em paredes de uma resistência (10) tijolos formam a estrutura (8) com o concreto arquitetura (8) ganha formato e aparência (8) Sociedade é construção e o racismo é o cimento (12) (v. 10) componente estrutural (7) formador fundamental (7) do interior e do acabamento. (10) Nessa fala eu acrescento: (6) nossa estrutura social – foi forjada no sufrimento (15) hou-ve esforço intencional (7) atuante, fraudulento, (6) apoio internacional à tese do branqueamento (12) descolorindo e repintando (8) tinta de sangue e caneta (7) (v. 20) se não branqueou os corpos (5) alvejou as almas pretas, (5) impôs ao traço apagamento (8) resultado: parda, morena, mulata, mestiça (14)</p> | <p><i>Never have I forgotten Soninha Freitas' lecture</i> (v.1) <i>in A-B-Cs trying to explain the</i> <i>complexity of the problem of racism</i> <i>in Brazil. She would say something like this:</i> <i>A good example is construct</i> <i>think of walls of resistance</i> <i>blocks form the structure</i> <i>with concrete architecture</i> <i>it gains shape and presence</i> <i>Society is a construct and racism is the cement</i> (v. 10) <i>structural</i> <i>component key</i> <i>element</i> <i>from the interior design to its finishing</i> <i>touches To that talk I add:</i> <i>our social structure was moulded from</i> <i>suffering there was intentional effort</i> <i>active, fraudulent,</i> <i>international support to the thesis of</i> <i>whitening white washing and recolouring</i> <i>blood and pen ink (v. 20)</i> <i>if it did not whiten</i> <i>bodies it whitened Black</i> <i>souls,</i> <i>it imposed the wiping out of the</i> <i>traits outcome: brown, mulatto,</i> <i>mixed</i></p> |

400 anos **de injustiça e a paz** se fez mais **omissa** (14)
que a melanina na **sua** tez? (9)
 Então compreenda **de uma** vez: (7)
se a – tua – história te pigmenta (10)
e a sociedade te lê **marginal** (12)
 a necessidade **te o-orienta** (8) (v. 30)
 a **querer** justiça racial (9)
 mas **eu** sugiro que seja **atenta**, (10)
não só cortar **o eufemismo** (7)
 mas lutar por protagonismo no **que realmente** te (14)
 representa porque **se o** racismo experimenta
 (14) **respeitar** a regra geral (8)
 é **mais cruel** pra **quem** aparenta (8)
quanto mais preta **mais desigual** (9)
 mas há motivo de luta pra todas nós **afinal**
 (14) preferida **ou** preterida (8) (v. 40)
 preta **ou** parda **IBGE** (7)
 a vantagem **aferida** (7)
 por **quem o** sistema racista **quer** (10)
queremos desconstrução (7)
 porque tentar sugar **cimento**
 (8) sem romper essa
estrutura (7)
 é como pôr **atadura** (7)
 em anos **de a-doecimento** (7)
 conserto **é** planejamento (7)
consciência e postura (5) (v. 50)
 análise de **conjuntura** (8)
 vontade de **conhecimento**
 (8) **Educação...**(4)
Educação rima com **coisas muito simples** (13)
 Rima com escolas falando das **coisas**
nossas (13) más **não** só em **novembro**, (6)
 rima com aprender **que – questão racial** (11)
é esforço coletivo, (6)
que ter medo da **polícia – não** é por **acaso** (13)
que a propaganda **não é inocente**, (8) (v. 60)
que – se a senhora preta **não – te olha** nos **olhos** pra
 (13) falar com você, Doutor, é
 responsabilidade (14) **sua** educar **seus** filhos
 pra **respeitar** os **meus** (12) filhos para **que as**
 próximas senhoras **pretas** (12) **não** tenham
 esse peso **no** olhar (9)
Sociedade é **construção e o** racismo **é o** cimento
 (12) componente **estrutural** (7)
 formador **fundamental** (7)
do interior e do **acabamento**. (10)
 Tem **que** haver **desconstrução** (8) (v. 70)
 porque tentar sugar **cimento**
 (7) sem romper **a** **estrutura**
 (6)
 é como pôr **atadura** (7)
 em anos **de a-doecimento**
 (7) conserto **é**

400 years of injustice and peace became more
 uncommon
 than the melanin in your complexion?
 So understand once and for all:
 if your history pigments you
 and society reads you an
 outcast necessity points you (v. 30)
 to desire racial justice
 but I suggest you be
 attentive, don't just sever
 euphemism
 but struggle for protagonism regarding what
 really represents you because if racism tries
 to respect the general
 rule it is crueller for those who
 look darker the more unequal
 but there is a struggle for all of us after
 all favored or shunned (v. 40)
 Black or IBGE90 brown
 advantage gained
 by whom the racist system
 chooses we want
 deconstruction
 because to try to suck cement
 without breaking up that
 structure is like putting
 bandage
 on years of sickness
 repair means
 planning
 consciousness and firmness (v. 50)
 analysis of the
 situation desire for knowledge
 Education...
 Education rhymes with simple things
 It rhymes with schools talking about our
 lives but not only in November,
 it rhymes with learning that the racial
 issue is a collective effort,
 that being afraid of the police is not by
 chance that propaganda is not innocent, (v. 60)
 that if the Black lady doesn't look you in the eyes to
 speak to you, Doctor So and So, it is your
 responsibility teach your children to respect my
 children so that the next generation of Black
 women won't have that burden in their gaze
 Society is a construct and racism is the
 cement structural component
 key element
 from the interior design to its finishing
 touches. There has to be deconstruction (v. 70)
 because to try to suck cement
 without breaking up the
 structure is like putting

planejamento, (7)
consciência e postura, (5)
análise de conjuntura (8)
vontade e conhecimento.
(7)

*bandage
on years of
sickness repair is
planning
consciousness and
firmness, analysis of the
situation desire and
knowledge.*

Fonte: Nascimento, 2021, p. 86-89, grifos nossos

À primeira vista, é evidente que o poema de partida tem uma única estrofe de 78 linhas, com versos maiores e menores, que são alternados de forma irregular. Conforme destaquei no final de cada verso do poema, há versos de sete sílabas, isto é, heptassílabos ou redondilhas maiores, que ocorrem mais. Encontram-se 21 versos desse tipo. Numerosos também são versos de oito sílabas, ou octossílabos, com 16 ocorrências. Há versos de nove sílabas (eneassílabos), de dez sílabas (decassílabos), de 12 sílabas (alexandrinos) e de 14 sílabas (bárbaros), com seis ocorrências cada. Ainda identifico versos de cinco sílabas (redondilhas menores), de seis sílabas (hexassílabos) e de 13 sílabas (bárbaros) que ocorrem quatro ou cinco vezes cada. Por fim, encontra-se no poema ocorrências únicas de versos de quatro sílabas (o tetrassílabo), 11 sílabas (o hendecassílabo), 15 sílabas (o bárbaro) e 17 sílabas (o bárbaro). As ocorrências silábicas supracitadas apontam para uma irregularidade do ritmo do poema, sinalizando que é de verso livre, a forma poética moderna.

Em observação mais atenciosa à estrutura do poema, identifico quatro partes: a primeira vai do início até a nona linha; e a segunda parte, o que seria um refrão do poema, começa na décima linha e vai até a décima terceira. Os versos do refrão são repetidos, contribuindo para a estrutura da divisão e, desse modo, para o efeito da pedagogoesia, uma vez que há o reforço de algumas ideais relevantes à temática do poema, conforme discuto à frente.

A terceira parte do poema, que começa a partir do final do primeiro refrão e vai até a linha 65, ao encontro do segundo refrão, contém 51 linhas. É o maior segmento do poema e traz tratamento mais complexo do tema de racismo estrutural, na medida em que os versos avançam, como veremos.

O aumento da complexidade do tema também aponta para a pedagogoesia, pois existe um percurso que começa com uma contextualização: um relato de uma palestra que pareceu, para a persona poética, simplificada, isto é, “em bê-a-bá”. Por sua vez, a persona traz sua perspectiva complexificada sobre o tema. Percebo que o texto nos leva a nos distanciarmos, gradativamente, da abordagem inicial e mais simples das primeiras duas partes do poema, em direção a uma visão mais aprofundada na terceira e quarta parte, como mostro adiante.

Saliento que esse percurso é replicado no nível dos versos, que se encadeiam de forma a reforçar a sensação da jornada pedagógica. Vejamos um trecho com encadeamentos:

[...] lutar por protagonismo no que realmente te representa porque se o
racismo experimenta respeitar [...] é mais cruel pra quem aparenta
quanto mais preta mais desigual (linhas 34-38)

No encadeamento, identifico a divisão da frase no final do verso, desse modo, há parte do sintagma no verso anterior e o restante no verso seguinte: “no que realmente te – representa”, e assim por diante.

Ainda na terceira parte, a 53ª linha contém uma palavra tetrassilábica seguida por reticências, “Educação...”, constituindo a linha mais curta do poema. Esse verso traz uma pausa abrupta que constrói um efeito dramático, convidando o(a) leitor(a) implícito(a) para um momento de reflexão, e reforçando, assim, a sensação de que o poema é um processo de ensino-aprendizagem proposto. Voltando à divisão do poema, a quarta parte se inicia na linha 70, depois do segundo refrão, e contém nove linhas. Há nela um reforço de ideias por meio da repetição de algumas linhas que apareceram na terceira parte. Isso aponta novamente para a pedagogopoesia, já que, para o encerramento do que seria a aula do poema, há uma recapitulação de uma parte essencial, o que está ligado, em minha percepção, à função do poema: instigar os(as) leitores(as) à mobilização. Vejamos o trecho:

Tem que haver desconstrução porque tentar sugar cimento sem romper a estrutura
é como pôr atadura
em anos de adoecimento conserto é planejamento, consciência e postura,
análise de conjuntura
vontade e conhecimento. (Linhas 70-78)

Por fim, o *layout* do poema, com os recuos e o uso de maiúsculas para a introdução de novas ideias, sinaliza também a divisão que identifico. O formato do poema traz de forma simplificada, inicialmente, o assunto complexo que é o racismo estrutural. À medida que a leitura avança, o tratamento dado ao tema vai se aprofundando e a composição física dos elementos do poema acompanha essa mudança, como explico adiante.

Na versificação do poema para a língua inglesa, busquei manter a estrutura de 78 linhas, com quatro partes separadas, de acordo com as ideias no poema de partida. Em relação à contagem silábica, não é possível recriar um ritmo parecido com o do português, lembrando que, em relação ao verso livre, não deveria haver preocupação com a contagem silábica. Além disso, a contagem do número de sílabas poéticas é feita de forma diferente no inglês. Enquanto no português a contagem de sílabas do verso é feita isoladamente até a última sílaba tônica, dentre outros detalhes, no inglês, são contados agrupamentos de duas ou três sílabas chamados pés (*metric feet*) (Britto, 2016).

Em relação à formação de rimas do poema de Nascimento em português, há uma irregularidade que merece destaque. Na primeira parte, de nove linhas, temos um esquema de rima no final de quatro versos: “resistência”/“aparência” (linhas seis e nove), “estrutura”/ “arquitetura” (linhas sete e oito). Na versão para o inglês, mantive uma irregularidade, conforme o poema de partida. Rimei quatro versos, pensando o efeito sonoro parecido e não a grafia das palavras: “resistance”/“presence” (linhas seis e nove) e “structure”/“architecture” (linhas sete e oito).

No refrão do poema de partida, encontro rimado o final das quatro linhas presentes: “cimento”/ “acabamento” (linhas dez e 13), e “estrutural”/ “fundamental” (linhas 11 e 12). Na versão, consegui rimar o final das primeiras três linhas: “cement”/ “component”/ “element” (linhas dez, 11, 12).

A terceira parte do poema no português apresenta também uma irregularidade no esquema de rimas. Nas linhas 14, 15, 18 e 23, respectivamente, há palavras rimadas: “acrescento”/“sofrimento”, “branqueamento” e “apagamento”; nas linhas 24 e 25: “mestiça”/“omissa”; nas linhas 26 e 27: “tez”/“vez”; nas linhas 28, 30, 32, 35 e 37: “pigmenta”/“orienta”, “atenta”, “experimenta” e “aparenta”; nas linhas 29, 31, 36, 38, 39: “marginal”/“racial”, “geral”/“desigual” e “afinal”; nas linhas 40 e 42: “preterida”/“auferida”; nas linhas 45, 48, 49, e 52: “cimento”, “adoecimento”/ “planejamento”, e “conhecimento”; e, por fim, nas linhas 46, 47, 50 e 51: “estrutura”/“atadura”, “postura”/“conjuntura”.

Na versão dessa parte, busquei criar rimas em pontos em que não haveria interferência com a semântica das palavras. Consegui rimar cinco conjuntos de linhas, pensando o som parecido e não a grafia: nas linhas 15, 18 e 19, respectivamente, “suffering”, “whitening”/“recolouring”; nas linhas 25 e 26: “uncommon”/“complexion”; nas linhas 38 e 39: “unequal”/“afterall”; e nas linhas 40, 42, 48 e 50: “shunned”/“gained”, “sickness”/“firmness”.

A relação entre sons e sentidos

Quanto às relações semânticas criadas no poema em português, há, na primeira e segunda parte, uma metaforização da temática do racismo estrutural, que a coloca em termos muito concretos, dando corpo à sua materialidade: o racismo é retratado como “parede”, “tijolo”, “concreto”, “cimento”. Percebo também na escolha de palavras uma criação de aliterações e assonâncias que expressam a dimensão estética, construindo um todo com sentidos e sons: “pense em paredes”, “com o concreto”, “racismo é o cimento”, “formador fundamental”. Essas palavras são alegóricas, para mim, de um enraizamento da estrutura do racismo no Brasil, cujas consequências são reais e materiais na vida da população afrodescendente. Os versos apresentam um efeito sonoro de eco, com a repetição dos sons de **em**, **com**, **ci** e **or**. O efeito intensifica o significado relacionado à reprodução do racismo e à ideia de quanto é imensurável.

Na versificação dessa parte para a língua inglesa, privilegiei a materialidade na escolha das palavras na tentativa de manter o efeito semântico. Utilizei palavras como “*walls*”, “*blocks*” e “*concrete*”, e consegui chegar à aliteração e assonância na frase “*racism is the cement*”. Nessa sentença, os sons de *ci*¹ e *z*² são repetidos, construindo o efeito do eco. Como sinalizei anteriormente, percebo um percurso no poema. Ele vai de uma lógica do concreto para o abstrato. Antes de mostrar esse deslocamento, relembro o encadeamento

¹ O som aparece em *racism is the cement*.

² O som aparece em *racism* e *is*.

dos versos no português, que reforçam a ideia da jornada. Na versificação para o inglês, busquei recriar também os encadeamentos:

*[...] struggle for protagonism regarding what really represents you because
if racism tries
to respect [...]
it is crueller for those who look
darker the more unequal (linhas 34-38)*

Em relação a essa maior abstração que vai se criando no texto, vimos que as primeiras duas partes do poema trazem uma representação materializada do racismo. Já na terceira, há palavras que, no geral, representam realidades não palpáveis, incorpóreas, mas que expressam, por sua contundência, o racismo, trazendo à mente dos(as) leitores(as) o contexto histórico de segregação no Brasil, que ainda afeta a população afro-brasileira. Em minha leitura, a palavra “sofrimento” (linha 15) remete à dor causada pelo sequestro de pessoas africanas trazidas e escravizadas no Brasil, e pelo abandono e encarceramento em massa de pessoas negras após a abolição da escravidão, assim como por contextos de tentativas de aniquilação dessa população (Santos, 2022).

Vale destacar que, nessa terceira parte do poema, é mantida a dimensão estética relacionada ao uso de aliteração e assonância do português: “Nessa fala eu acrescento: nossa estrutura social foi forjada no sofrimento” (linhas 14 e 15). Nesses versos, vemos a aliteração dos sons de **s** e **f** e a assonância dos sons de **e** e **a**. A repetição sonora não tem um sentido por si própria, mas seu efeito se soma àquele do todo do poema, cujo título também traz parte dessa aliteração e assonância: “Sociedade é construção”. Foi possível recriar aliteração no inglês: “To that talk I add: our social structure was moulded from suffering”.

Nas linhas 16, 18 e 23 do texto de partida, menciona-se o processo de “branqueamento” no Brasil, que “impôs ao traço apagamento”, tendo “esforço intencional” e “apoio internacional”. Para mim, o contéudo dos versos relembra o projeto de branqueamento de José de Lacerda, que mencionei anteriormente. Entre os três versos, percebemos a aliteração dos sons de **p**, **t**, **s**, a assonância dos sons de **a** e **o**, assim como o eco dos sons de **ao**, **al** e **io**. A repetição desses sons é um elemento da dimensão estética do poema, contribuindo para a intensificação do efeito sonoro e para o peso das palavras. Isso, na minha leitura, dá mais robustez à denúncia construída pela voz lírica.

Há ainda no poema trechos como, “quanto mais **preta** mais desigual”, “se [...] **a** sociedade te lê marginal” (linhas 38 e 29), que apontam para o colorismo e o determinismo biológico presentes no imaginário social brasileiro atual, processos pelos quais as pessoas negras se encontram em condição de injusta discriminação. Vejamos a assonância dos sons de **a**, **i** e **e**, assim como a aliteração de **t**, **z**, **s** e **d**. Chama atenção nesse verso o tratamento de familiaridade e aproximação com o(a) leitor(a) implícito(a) negro(a) expresso, pelo uso do pronome “te”. Percebo a linguagem coloquial e familiar nesses versos direcionados a esse(a) leitor(a) também com outros elementos: “há motivo de luta **pra** todas nós afinal” (linha 39). Em minha

leitura, isso constrói um efeito de relação de parceria e confiança entre a voz lírica e seu(sua) interlocutor(a) negro(a). É com base nessa proximidade que se faz a chamada e motivação para ação, que vemos nas linhas sequenciais do poema, como mostro adiante.

Voltando à ideia de colorismo, parece válido afirmar que ela está atrelada à noção de *tokenismo* (Zimmer, 1988) no poema. Esse conceito, que foi construído nas articulações do movimento civil dos Estados Unidos na década de 1960, é utilizado para denunciar uma concessão, apenas simbólica, feita para indivíduos negros com o objetivo de dar a sensação de diversidade em vez de permitir a verdadeira inclusão do grupo minoritário na sociedade (Folter, 2020). No poema, a denúncia do tokenismo se evidencia, a meu ver, no trecho: “a vantagem auferida/por quem o sistema racista quer” (linhas 42 e 43). É uma clara referência às instituições brasileiras, que são formadas e administradas, via de regra, por pessoas brancas, e concedem suposta visibilidade a determinadas pessoas negras, geralmente as de pele mais clara. Isso nos leva à ideia de colorismo: as pessoas de pele clara são privilegiadas em detrimento das de pele mais escura.

Em minha observação de casos cotidianos que identifico como tokenismo e colorismo, quem é privilegiado(a) geralmente aceita os benefícios individuais, sem atuar para uma maior inclusão de seu grupo. Para mim, isso representa potencial enfraquecimento do combate antirracista, uma vez que as(os) *tokens* negras(os) em posição de poder negligenciam a luta pela igualdade. Conforme a persona poética enfatiza, o cenário do colorismo “é mais cruel pra quem aparenta/ quanto mais preta mais desigual” (linhas 37 e 38).

Com o enunciado “escolas falando das nossas coisas”³ (linha 55), o poema alude também à objetificação e estereotipagem da população negra. Desse modo, o verso remete à denúncia do protagonismo de pessoas não negras no tratamento de assuntos que se remetem à população negra. Adiante, no poema, vemos que a persona lírica incentiva o protagonismo de pessoas negras no tratamento das histórias e subjetividade dessa população. Vale ressaltar aqui o conceito de *lugar de fala*, cunhado por Djamila Ribeiro (2017) para enfatizar a importância de as próprias pessoas negras falarem de suas experiências como forma de contornar os estereótipos históricos, construir representações adequadas sobre si, além de ter a autoridade na (re)construção de sua história.

Na minha experiência como professora do ensino básico no sistema escolar brasileiro, notei que a questão racial ainda é tratada de forma inadequada: geralmente, o assunto é abordado apenas em datas específicas, como no Dia da Consciência Negra, 20 de novembro. Essa data foi definida para o reconhecimento da luta antirracista pela Lei nº 10.639/2003, que é fundamental para o combate ao racismo, e, entre outras questões significativas, a lei obriga o ensino obrigatório da história e cultura afro-brasileira. Não obstante, vejo que ainda não foi implementada de forma apropriada, até por carência na formação de professoras(es). Não há disciplina sobre o assunto no curso de licenciatura em letras-inglês

³ Por falta de espaço, não comento mais os casos de aliteração e assonância, mas mantenho o grifo onde aparecem, para que fiquem mais perceptíveis ao(à) leitor(a).

na maioria das universidades federais. E se tivesse, como seria tratado? Ficaria a critério das(os) professoras(es), como acontece hoje no ensino básico?

Voltando ao poema, também apontam para uma denúncia da objetificação e a estereotipagem das pessoas negras os versos “ter medo da polícia não é por acaso” (linha 59) e “a propaganda não é inocente” (linha 60). O primeiro me lembra do relato de estudantes negros da periferia sobre abordagens policiais que enfrentaram, mesmo vestidos em seus uniformes e estando próximas de suas escolas.⁴ Trata-se do injusto perfilamento racial, processo em que as pessoas negras são selecionadas para serem investigadas somente em função de suas características biológicas.

O segundo verso, “a propaganda não é inocente”, remete ao histórico reforço de estereótipos injustos acerca das pessoas negras em propagandas de diferentes mídias. Quanto a isso, vale lembrar o estudo sobre representação midiática desenvolvido pela teórica estadunidense negra bell hooks (2019), relevante também no contexto brasileiro também. Hooks assevera que “os meios de comunicação de massa representam um sistema de conhecimento e poder, que reproduzia e mantinha a supremacia branca”, e que consumir esses conteúdos era envolver-se na negação da representação das pessoas negras (hooks, 2019, p. 485, 486). A autora explica que há a ótica colonizada do(a) expectador(a), que não questiona as representações midiáticas quanto às relações de poder entre o branco e o negro, em que o segundo é inferiorizado diante do primeiro. Por outro lado, há o olhar oposicional do expectador(a), que reage às representações inadequadas, interrogando-os e desconstruindo-os (hooks, 2019). Essa segunda perspectiva, do olhar oposicional, seria a adequada para o combate à deturpação da população negra nas representações midiáticas.

Ainda na terceira parte do poema, identifico uma chamada para ação direcionada ao(à) leitor(a) implícito(a) negro(a). A ideia da instigação para a luta contra a opressão racial é evidente nos seguintes enunciados:

se a tua história te pigmenta e a sociedade te lê marginal a necessidade te orienta
a querer justiça racial
mas eu sugiro que seja atenta,
não só cortar o eufemismo
mas lutar por protagonismo (linhas 28 a 34, grifos nossos)

Os trechos “não só cortar o eufemismo” e “mas lutar por protagonismo” têm, para mim, associação com os trabalhos de pensadoras negras como Grada Kilomba e Djamila Ribeiro, que apontam para a necessidade de a população negra não se deixar ser objeto como representado pela supremacia branca. Inserida nessa luta, Kilomba afirma, sobre a projeção das características da população negra: “[...] não são nossas palavras nem nossas

⁴ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ua2avcT-mZs>. Acesso em: 29 setembro. 2024.

vozes subjetivas impressas nas páginas da revista, mas sim o que representamos fantasmagoricamente para a nação *branca* e seus *verdadeiros* nacionais” (Kilomba, 2019, p. 73).

Kilomba ressalta que é urgente as pessoas negras tornarem-se sujeito de sua história (2019). Seguindo lógica semelhante, Ribeiro usa o termo *lugar de fala* (2017) para mostrar a necessidade da população negra de tomar o protagonismo nas discussões sobre a sua subjetividade. Por muito tempo, a condição dessa população foi analisada por pesquisadores(as), bem intencionados(as) ou não, que imprimiram suas próprias perspectivas sobre “o negro”. Ribeiro salienta que partir da própria perspectiva é essencial para a (re)construção de representações justas sobre as pessoas negras.

Ainda sobre o trecho citado anteriormente, chamo atenção para a escolha das palavras “pigmenta”, “eufemismo” e “protagonismo”, cujos sons repetidos de **g**, **s**, **ta** e **mo**, que criam um eco, para mim, são ásperos e rugosos, causando uma experiência sensorial desagradável, apontando para a realidade dura do racismo.

A retomada do protagonismo é um processo que deve ser contínuo e constante, com atuações corajosas e planejadas, para que haja a desconstrução do racismo. Como ressalta Nascimento no poema,

[...] tentar sugar cimento sem romper essa estrutura é como pôr atadura
em anos de adoecimento
conserto é planejamento (linhas 45 a 49)

Percebo no trecho um tom de indignação da persona poética, que se pronuncia contra o caráter intermitente, isolado e de curto prazo de ações antirracistas que se mostram incapazes de derrubar o cimento do racismo estrutural. Para romper essa estrutura tricentenária, é preciso substituí-la por outra estrutura igualmente reforçada, é preciso planejamento de longo prazo, iniciativas em conjunto e incessantes, ensina a poeta.

A voz lírica ainda sublinha que “conserto é [...] / consciência e postura” (linha 49 e 50). A palavra “consciência” sugere a relevância de se ter objetivos claros e bem definidos para o combate ao racismo estrutural. Já “postura” evoca na minha mente outras palavras de imenso significado para essa luta, como “ética” e “responsabilidade”. A persona poética chama o(a) leitor(a) implícito(a) branco(a) a tomar atitudes:

se a senhora preta não te olha nos olhos pra falar com você, doutor,
é responsabilidade sua educar seus filhos pra respeitar os meus filhos para que
as próximas senhoras pretas não tenham esse peso no olhar (linhas 61 a 65).

Temos nesse trecho a questão da branquitude crítica mencionada anteriormente, que envolve a ética e responsabilidade de pessoas brancas na desconstrução do racismo, já cientes de que sua branquitude não as faz superiores e de que, portanto, não deveriam

receber privilégios. Na formação de jovens com visão antirracista, a contribuição de pais brancos críticos é fundamental, conforme ressaltado pela persona poética, pois reforça o papel da educação que vem da família.

Chegando ao fim das minhas considerações do poema, afirmo que realizei escolhas de tradução na busca de uma versão adequada. Acredito que, com essas escolhas, foi possível trazer uma dimensão semântica correspondente ao poema original, e ao mesmo tempo, recriar os aspectos formais gerais.

Considerações finais

Na discussão do poema de Luciene Nascimento, *Sociedade é construção (e o racismo é o cimento)*, mostrei que há um percurso que vai de denúncia do racismo estrutural a chamada para ação. A denúncia envolve a exposição de questões históricas que serviram como pilares institucionais do racismo no Brasil. A chamada para ação envolve a motivação do(a) leitor(a) implícito(a) negro(a) para tomar o protagonismo na representação de suas experiências, assim como na luta antirracista. A responsabilidade do(a) leitor(a) implícito(a) branco(a) também é lembrada nessa luta, a que deve se juntar com posturas éticas.

Destaquei que o percurso traz uma representação que começa com o emprego de palavras ligadas à materialidade/concretude e vai em direção ao uso de palavras abstratas, impalpáveis. Esse tipo de representação contribui para a função pedagopoética do poema, isto é, para a instrução, sensibilização e motivação à ação do(a) leitor(a) quanto ao tema complexo do racismo institucional/estrutural.

Na minha tradução, privilegiei a dimensão semântica, uma vez que o poema trata de assunto de significativo peso para o contexto social brasileiro, e meu desejo é que a nova versão possa contribuir para a reflexão sobre contextos semelhantes no cenário internacional. Acredito ter conseguido valorizar os aspectos formais, recriando o uso de substantivos concretos, a construção de metáforas, assonâncias, aliteração e efeitos sonoros, para a intensificação dos sentidos das palavras. Espero ter conseguido reconstruir a função de formação, sensibilização e motivação para o(a) leitor(a) da versão em inglês.

Referências

ALMEIDA, Silvio. *Racismo estrutural*. São Paulo: Pólen, 2019.

ASPHE, Rhe. (2012). Lei nº 1, de 1837, e o Decreto nº 15, de 1839, sobre Instrução Primária no Rio de Janeiro – 1837. *Revista História Da Educação*, n. 9, v. 18, p. 199-205. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/asphe/article/view/29135>. Acesso em: 10 maio 2023.

BRASIL. Código Penal dos Estados Unidos do Brasil. *Decreto nº 847* de 11 de outubro de 1890. Promulga o Código Penal. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/1851-1899/d847.htm. Acesso em: 10 maio 2023.

BRASIL. Decreto nº 528, de 28 de junho de 1890. Regulariza o serviço da introdução e localização de imigrantes na República dos Estados Unidos do Brasil. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1824-1899/decreto-528-28-junho-1890-506935-publicacaooriginal-1-pe.html>. Acesso em: 10 maio 2023.

BRASIL. Lei nº 5.465, de 3 de julho de 1968. Dispõe sobre o preenchimento de vagas nos estabelecimentos de ensino agrícola. *Diário Oficial da União*, Brasília, DF, 4 jul. 1968. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/1950-1969/15465.htm. Acesso em: 10 maio 2023.

BRASIL. Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática ‘História e Cultura Afro-Brasileira’, e dá outras providências. *Diário Oficial da União*, Brasília, 10 jan. 2003. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/L10.639.htm. Acesso em: 12 mai. 2023.

BRASIL, Tribunal de Justiça do Paraná – TJPR. *Processo n. 0017441-07.2018.8.16.0196*. Sentença de 19 de junho de 2020

BRITTO, Paulo Henriques. *A tradução literária*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017.

CARDOSO, Lourenço. Branquitude acrílica e crítica: A supremacia racial e o branco antirracista. *Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales – Niñez y Juventud*. [online]. 2010, v.8, n.1, p. 607-630.

EVARISTO, Conceição. A escrevivência e seus subtextos. In: DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado. (org.). *Escrevivência: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo*. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020.

FOLTER, Regiane. *O que é tokenismo?* Politize!, 2020. Disponível em: <https://www.politize.com.br/tokenismo/>. Acesso em: 08 abr. 2023.

HOOKS, bell. *Olhares negros: raça e representação*. Tradução de Tadeu Breda *et al.* Brasília: Elefante, 2019.

KILOMBA, Grada. *Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano*. Cobogó, 2019.

NASCIMENTO, Luciene. *Sociedade é construção (e o racismo é o cimento)*. In: *Tudo nela é de se amar*. Rio de Janeiro: Estação Brasil, 2021.

RIBEIRO, Djamila. *Pequeno manual antirracista*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

RIBEIRO, Djamila. *O que é lugar de fala?* Belo Horizonte: Letramento, 2017.

SANTOS, Margareth dos Anjos. O racismo estrutural e a construção da identidade da criança negra pela ludicidade do Jongo. In: *Infâncias plurais, recortes transversais*. BRITO, Gabriela Aparecida; LINO, Michelle Villaça (org.). Curitiba: CRV, 2022.

Literaturas de resistência e tradução

ZIMMER, L. Tokenism and women in the workplace: The limits of gender-neutral theory. *Social problems*, n. 35, v. 1, p. 64-77, 1988. Disponível em: <https://doi.org/10.2307/800667>. Acesso em: 14 fev. 2024.

Perguntas para reflexão

1. Discuta sobre como a poesia pode contribuir para a luta antirracista.
2. Quais aspectos devem ser levados em consideração em uma proposta de tradução de poesia?

Sobre as(os) autoras(es)

Adélia Mathias

Doutora por Fachbereich Translations-, Sprach – und Kulturwissenschaft (FTSK) da Johannes Gutenberg-Universität Mainz, Alemanha. Contato: adeliamathias@gmail.com

Norma Diana Hamilton

Professora adjunta do Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução do Instituto de Letras da Universidade de Brasília (UnB). Doutora em Literatura e Práticas Sociais. Cofundadora do Núcleo de Escritoras Pretas – Maria Firmina dos Reis (NEPFIR), registrado no CNPq e vinculado à UnB. Escritora. Autora, dentre outros, do livro de poemas *Pedago-poemas: por uma educação antirracista*. Contato: norma.diana@unb.br

Annemeire Araújo de Lima

Graduada em Letras – Língua Inglesa pela Universidade Federal do Amazonas (UFAM), mestra em Estudos da Linguagem pela mesma instituição e doutora em Literatura pela Universidade de Brasília (UnB). Atua como docente da rede municipal de Educação e Desportos em Manaus-Amazonas desde 2006, interessando-se academicamente por estudos nas áreas de ensino de línguas, literatura dramática e teatro político. Contato: ennaajuara@gmail.com

Franciele Barboza Neves

Graduada em Letras pela Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS). Professora de língua espanhola na Secretaria Estadual de Educação de Mato Grosso do Sul. Contato: francielebarboza2008@hotmail.com

Danglei de Castro Pereira

Doutor em Letras pela Universidade Estadual Júlio de Mesquita Filho – UNESP/SJRP. Pesquisador do NEHMS. Professor de literatura brasileira na Universidade de Brasília. Professor permanente no Programa de Pós-Graduação em Literatura (PósLit-UnB),

no Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem (UFMS) e no Programa de Pós-Graduação em Letras (UNEMAT/Sinop). Investiga principalmente os seguintes temas: revisão do cânone literário, ensino de literatura e diversidade na literatura do século XIX e sua influência nos dias de hoje. Contato: danglei@unb.br

Cíntia Schwantes

Doutora em Literatura Comparada pela UFRGS/Indiana University atuando nas linhas de pesquisa Representação na literatura contemporânea e Estudos literários comparados. Seus projetos de pesquisa são RPG e representação de gênero, Intertextos e O Outro no processo de formação: o papel da mentora nos romances de formação. Contato: schw@unb.br

Kaio Carmona

Escritor e professor na Universidade Agostinho Neto e no Instituto Guimarães Rosa em Luanda, Angola. Doutor em Estudos Literários pela UFMG. Publicou, entre outros, os livros *Para quando* (Scriptum, 2017), *26 poetas na Belo Horizonte de ontem* (Fino Traço, 2020) e *A casa comum* (Quixote+Do, 2020). Contato: kaiocarmona@hotmail.com

Edvaldo A. Bergamo

Professor Associado de Literatura Portuguesa e de Literaturas Africanas de Língua Portuguesa do Departamento de Teoria Literária e Literaturas (TEL) do Instituto de Letras (IL) da Universidade de Brasília (UnB). É membro do Programa de Pós-Graduação em Literatura, investigando principalmente os seguintes temas: romance histórico; romance de Jorge Amado; romance de 30; romance neorrealista; romance e autoritarismo; romance e descolonização. Contato: edvaldobergamo@unb.br

Lajosy Silva

Professor adjunto do Departamento de Línguas e Literaturas em Línguas Estrangeiras e do PPGL – Programa de Pós-Graduação, Mestrado, em Letras do Instituto de Ciências Humanas e Letras da Universidade Federal do Amazonas (UFAM). Contato: louis.silva1974@gmail.com

Alexandre Marcelino Viana de Siqueira

Estudante de graduação de Letras Tradução-Inglês da Universidade de Brasília (UnB). Contato: alexandre.siqueira@aluno.unb.br

Talita Alves Oliveira

Graduada em Letras Tradução-Inglês pela Universidade de Brasília (UnB). Pesquisadora do grupo de pesquisa Tradução Etnográfica e (Po)éticas do Devir. Contato: talitaalves546@gmail.com

Ian Alexander

Professor adjunto do Departamento de Línguas Modernas do Instituto de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Ministra disciplinas de tradução e de literatura anglófona das Américas, da África e da Oceania. Formado em Letras e História pela Universidade de Sidney, Austrália. Doutor em Literatura Comparada pela UFRGS. Autor de quatro romances. Contato: ianalex63@gmail.com

A Editora UnB é filiada à



Este livro foi composto em UnB Pro e Liberation Serif.

LITERATURAS DE RESISTÊNCIA E TRADUÇÃO

A literatura de resistência se distingue por sua representação da denúncia contra a opressão. Dessa forma, ela apresenta dupla dimensão: a estética, que mantém a qualidade da literariedade, do belo; e o engajamento social, que instiga reflexões sobre a interação humana e o impacto dos fenômenos do mundo no indivíduo e no coletivo. Em relação à segunda dimensão, a produção literária pode funcionar como um meio de ativismo, pois pode contribuir para a conscientização e a sensibilização de um povo... Convidamos você, leitor(a), a contribuir para a construção de sentidos referentes às literaturas de resistência. Por essa razão, incluímos perguntas voltadas à reflexão, no fim de cada capítulo. Esperamos que continue o debate além deste livro sobre literatura, resistência e tradução, por meio de pesquisas de Pibics, TCCs, ou em conversas do cotidiano.

EDITORA



UnB

